

A VERDADE
SOBRE
RUBY

«Não consegui parar de ler!
Um triunfo absoluto!»

FREIDA
McFADDEN

COOPER

LIZ NUGENT

Autora bestseller de *A Estranha Sally Diamond*



Para o Richard, outra vez e sempre

*Nenhuma culpa é esquecida enquanto
a consciência dela ainda souber.*

STEFAN ZWEIG, *CORAÇÃO IMPACIENTE*

Pela segunda vez em seis semanas, acordei com o marido errado.

Desta vez, numa casa desconhecida, algures, em Dublin. Debaixo dos lençóis, eu estava nua. Como fui eu fazer isto de novo?

Pensei no meu marido generoso, que merecia muito melhor do que eu lhe poderia dar. Na minha filha linda que, provavelmente, herdou aquela maldade que me está entranhada.

A minha roupa espalhava-se em volta do quarto como daquela outra vez em Boston, e eu fiz um esforço para desviar esse pensamento.

Culpo a minha irmã.

PARTE I

Ruby

Se a minha irmã não fosse bonita, nada disto teria acontecido.

O cabelo da Erin era mais louro do que o meu. Os olhos dela eram azul-pálidos como os da minha mãe. Os meus tinham um azul vulgar. Já nela, tudo se desenvolvia numa harmonia perfeita. A minha irmã nunca foi obrigada a usar um aparelho como eu, porque os dentes dela eram alinhados e regulares. Os meus eram tortos. E o queixo demasiado pontiagudo. Eu era magra e ossuda, enquanto a Erin era cheia de curvas nos lugares certos. Os meus pés eram demasiado grandes para o meu corpo. Parecia um taco de golfe, vista de lado. Durante os dois anos em que usei o aparelho, sorria sempre de lábios fechados. Uma vez, na escola, esqueci-me, e um dos miúdos mais velhos disse que eu parecia o Steve Buscemi. Fiquei profundamente magoada ao descobrir de quem se tratava. A mãe dizia que as curvas iam surgir, da mesma maneira que o queixo pontiagudo e o aparelho haveriam de desaparecer. Eu estava desejosa de que isso acontecesse.

Todos elogiavam a beleza da Erin, e depois, ao darem por mim, apressavam-se a acrescentar algo do género, «E a Ruby tem umas sardas *amorosas*.»

Em 1999, as duas frequentávamos a secundária de Altman. Eu tinha 16 anos e andava no décimo ano, e a minha irmã, com 18 anos, era finalista. Ela estava entre os melhores da turma. Eu enfrentei algumas dificuldades na escola. Nunca fui das piores alunas. Pairava sempre a meio da tabela. O meu pai suspirava de cada vez que abria a caderneta escolar, sem nunca contar ver ali grandes resultados. Nas observações dos professores liam-se coisas como, *Esperamos ver uma Ruby mais madura no próximo ano* e *Sabemos que a Ruby tem potencialidades. Se ela consegue*

decorar o guião de Titanic do princípio ao fim, estamos certos de que vai conseguir interpretar Robert Frost. Esta deixou o meu pai fora de si. Eu andava sempre entre os 10 e os 11 valores, na maior parte das vezes, com um ou dois 14, mas já a teatro tinha tirado um 18. A Erin foi sempre uma aluna de topo. Ela esperava tirar a licenciatura em Estudos Ingleses em Harvard. O namorado, o Milo Kelly, queria ser médico, e estava no primeiro ano do curso preparatório de Medicina do Boston College.

A Erin escrevia contos, mas dizia que eu não os podia ler. O namorado apregoava que eles eram excelentes, só que, para o Milo, tudo o que a minha irmã dizia e fazia era fantástico. Ele dizia que ela era linda e talentosa e adorável, e isso era verdade.

*

O nosso pai, Douglas Cooper, era o pastor e fundador da Igreja do Santo Divino do Quarto Dia, e também corretor de investimentos. Era ele quem ditava as leis na nossa casa em Fisher Hill, um respeitável bairro de Brookline, nos arredores de Boston. Conduzia a ação de graças antes das refeições, e cada domingo era um dia de celebração onde se esperava que nos dedicássemos à contemplação e ao reconhecimento de tudo quanto o Senhor nos dava. As igrejas do pai congregavam milhares de pessoas e missões em quatro estados. Ele era um pai bondoso e afável, mas passava muito tempo ausente em visitas às outras igrejas, reunindo-se com os pastores que ele ordenara pessoalmente e mantendo encontros com investidores.

Acho que a minha mãe preferia que fosse assim. Quando ia a casa das minhas amigas, eu reparava que os pais delas estavam geralmente de acordo em relação a tudo. Os nossos pais mostravam-se afetuosos um com o outro à nossa frente, mas era frequente discutirem. A Erin e eu já estávamos habituadas. Na verdade, aquilo até funcionava a nosso favor. Se o meu pai nos negasse qualquer coisa, havia sempre a hipótese de irmos falar com a nossa mãe, e obtínhamos a resposta certa em metade dos casos. Éramos uma família normal, acho eu, com salsichas com feijão ou creme de ameijoas aos sábados. O nosso pai era simpatizante dos Red Sox e dos Patriots. A Erin, a mãe e eu não tínhamos qualquer interesse pelo desporto.

A minha mãe era irlandesa, mas uma irlandesa autêntica, nascida na Irlanda. O nome da Erin vem daí; significa Irlanda. A minha mãe chamava-se Maureen. Foi o pai quem escolheu o meu nome, graças a Deus, e ele disse que eu parecia uma pedra preciosa, pelo que me chamaram Ruby. Recebi um nome melhor do que o da Erin. Essa foi a única vantagem que os meus pais me ofereceram.

Quando era adolescente, a minha mãe veio passar um verão à América e trabalhou como ama de crianças numa casa próxima do sítio onde o meu pai cresceu, em Worcester, a oitenta quilómetros a oeste de Boston. Acho que foi uma história de amor. Ele era o cavaleiro da armadura cintilante que a salvava de voltar para a Irlanda. Essa era a versão dele. Já a mãe dizia que não era bem assim. Os dois casaram muito jovens e começaram logo uma família. Mas o certo é que ela sentia muitas saudades da sua terra. Em 1999, a Erin e eu já não íamos à Irlanda há quatro anos, ao passo que a mãe ia lá de ano a ano, além de falar com a nossa avó uma vez por semana, às três horas das tardes de sábado.

De vez em quando, eu escutava às escondidas. Havia momentos em que a mãe exclamava em tom incrédulo, «Não!» ou dizia, «Não fez nada...», toda espantada, quando quem quer que *ela* fosse o tinha feito de certeza. Mais tarde, as histórias da avó eram-nos narradas, só que tinham que ver com primos que havíamos visto uma única vez ou antigas colegas de escola da mãe. Giravam à volta de uma rapariga solteira que tinha engravidado, ou uma briga a propósito de um testamento, ou o novo cão do vizinho. A mãe sentia a falta daquela terra. Na última vez em que a Erin e eu lá tínhamos estado, o tempo estava escuro e chuvoso, mas eu adorava a minha avó. Era tal e qual uma daquelas avós que encontramos nas histórias de fadas. Trazia o cabelo grisalho penteado num rolo, era ligeiramente roliça e estava sempre de volta do fogão. Lia-me histórias ao deitar e abraçava-me ternamente e, mesmo que na altura talvez eu já fosse um pouco crescida demais para aquilo, não me importava. Julgo que ela me preferia a mim à minha irmã. Custa a crer que a mãe, o irmão e os meus avós tivessem vivido juntos naquela casa minúscula. O meu avô morreu ainda novo depois de o seu único filho rapaz nascer, pelo que não cheguei a conhecê-lo. O Dennis era onze anos mais novo que a minha mãe. As fotografias do casamento dos meus pais mostram-no ainda muito jovem. Ela nunca falava muito do irmão.

O meu tio tinha emigrado para a Austrália alguns anos antes e parece-me que a mãe não mantinha contacto com ele.

Por muito que eu adorasse a avó e as viagens de verão à Irlanda, à medida que íamos crescendo preferíamos ir para os retiros nos campos bíblicos, os quais eram mais divertidos do que poderiam parecer. Aprendíamos a cozinhar e a nadar, praticávamos primeiros socorros, tínhamos círculos de *tricot*, clubes de livros e canto coral. Não estávamos sempre a entoar cânticos, apesar de não nos ser permitido entoar Britney Spears, pelo menos à frente dos monitores do campo.

O namorado da Erin era um verdadeiro craque. O Milo tinha andado connosco na secundária de Altman, e terminara o curso na primavera anterior. Todas as raparigas queriam namorar com ele, mas foi a minha irmã mais velha, a Erin, quem o conquistou. Esguio, com o cabelo louro-escuro, assemelhava-se vagamente ao Bailey de *Adultos à Força*, além de também ser divertido. Vivia no bairro de Southie. As roupas dele pareciam um bocado mais coçadas do que as da maioria dos estudantes, mas, aparte isso e o sotaque, jamais se adivinhariam os seus antecedentes. Tinha uns modos impecáveis, embora não surgissem de forma natural. Na primeira vez que veio jantar connosco, depois de a mãe anunciar, «O jantar está pronto!» e nos mandar sentar à mesa, o Milo começou a oferecer delicadamente o cesto do pão a toda a gente, até o meu pai pigarrear.

— Vamos começar por rezar a ação de graças, está bem? — propôs ele. — Maureen, importas-te de dizer as primeiras palavras?

O Milo ficou vermelho como um tomate.

— Sim, com certeza. As minhas desculpas — proferiu ele. O meu pai dirigiu-lhe um sorriso tranquilizador.

Todos fecharam os olhos, enquanto ele recitava as palavras sagradas, mas eu fitei o Milo de soslaio, o qual, por seu turno, estava a mirar cada um de nós. Ao apanhar-me a olhar, ele cerrou as pálpebras com muita força e voltou a abri-las para me piscar o olho com um grande sorriso. Foi a minha vez de corar. Ele observava atentamente a forma como usávamos os talheres. A minha mãe podia ter sido um pouco mais discreta neste ponto. Ela ia descrevendo a par e passo a etiqueta da mesa — «E, agora, colocamos os guardanapos no colo» — e eu sabia que ela tinha aprendido com a família do pai a portar-se assim à mesa, já que a minha avó mastigava de

boca aberta às vezes ou comia peras com a ponta da faca. Não fora com ela que a minha mãe tinha aprendido aqueles modos.

Com o tempo, o Milo conquistou a confiança dos meus pais, sobretudo a da minha mãe, por ser irlandês de há várias gerações. Apesar da boa aparência e presença física, ele era um aluno aplicado como a Erin. Adorava a minha irmã, e o meu pai deixava-o até dormir no quarto de hóspedes no rés-do-chão, aos fins de semana ou durante a semana, quando os dois ficavam a estudar até tarde. O Milo não estava autorizado a subir ao andar de cima onde estava o quarto da Erin. Eles fingiam que ficavam nos respetivos quartos, mas eu sabia que não era bem assim.

O meu ficava a meio do andar de cima da casa e separava o quarto da Erin, no topo das escadas das traseiras, do dos meus pais na outra ponta da casa, junto à escadaria principal que dava para o vestíbulo. Havia um espelho de corpo inteiro na parede do meu quarto e eu ficava parada à sua frente tempos infinitos, à espera dos dentes alinhados pelo aparelho e de um queixo que não fosse pontiagudo, à medida que ia crescendo, e das curvas da Erin. Tal como a madrasta cruel da Branca de Neve, eu olhava impaciente para a minha imagem, várias vezes ao dia, aguardando essa mudança milagrosa. Um dia, a frustração foi tanta que dei um murro no espelho e ele resvalou da parede para o chão. O prego e a base de plástico que mantinha o prego no lugar também caíram. Agora, havia um buraco na parede. Se ele fosse mais profundo, iria dar à parede da Erin, e eu poderia espreitar para o quarto da minha irmã. O que faria ela quando estava sozinha? Teria um diário secreto? Eu já tinha andado a revistar-lhe o quarto. A Laquanda tinha-me mostrado o diário da irmã mais velha, repleto de pensamentos escandalosos sobre aquilo que ela queria fazer com os rapazes e o que ela queria que os rapazes lhe fizessem. Arranjei uma tesoura das unhas e fui perfurando o orifício minúsculo até conseguir ter a visão direta da parede do quarto da Erin do outro lado. A seguir, escavei um bocadinho para alargar o buraco até ter pouco mais de um centímetro de largura. O papel de parede do quarto da Erin tinha um padrão floral espampanante, que ela própria escolhera. A minha mãe dizia que aquilo lhe dava vertigens. A Erin jamais daria por um pequeno buraco na parede.

Agora, eu conseguia ver a cama da Erin, o toucador e quase o quarto inteiro. Habituei-me a espiá-la de vez em quando. Via-a a retirar

a maquilhagem de uma pele cuja perfeição não era beliscada por uma única sarda. Via-a tirar a roupa, para vestir a camisa de dormir. Via-a nos seus momentos mais íntimos. Quando não estava a observá-la, voltava a encostar o espelho à parede, empoleirado numa caixa de sapatos. E coleí no buraco da minha parede cor-de-rosa um grande penso rápido da mesma cor. Este não se distinguia, a não ser que se andasse à sua procura. Antes de cair, o espelho estava a quinze centímetros do chão. Quando a minha mãe deu por isso e se propôs voltar a pendurá-lo, eu disse-lhe que não era preciso porque gostava de ir mudando o espelho de lugar.

Uma manhã, acordei mais cedo e vi uma sombra a passar junto à porta do quarto, embora não houvesse o som de passos. Levantei-me da cama em silêncio e fui descolar o penso da parede. O Milo estava no quarto da Erin. Fiquei à espera de que ela o mandasse sair dali aos gritos, só que os dois estavam aos amassos, com beijos de língua e outras coisas. Eu estava fascinada e horrorizada e excitada. Tornou-se um hábito eu despertar mais cedo e ficar a vê-los nas noites que o Milo passava em nossa casa. Eles jamais proferiram um som. O quarto de hóspedes ficava no rés-do-chão, ao lado da cozinha. Não sei como nunca foram apanhados.

Às vezes, os três estávamos a trabalhar no escritório em casa, e eu examinava-o, absorvendo-lhe o cabelo louro, os ombros largos, o queixo proeminente, os braços musculados. Via como ele se portava com a Erin, como os dois estavam fisicamente à vontade um com o outro. O Milo levantava-a no ar e lançava-a sobre o ombro, e ela gritava-lhe para a pôr no chão, ainda que estivesse nitidamente a gostar. Os dois sentavam-se lado a lado, com os dedos mindinhos entrelaçados. Eram inseparáveis. A mãe não se cansava de dizer que ele era uma boa influência para a minha irmã e o certo é que ela não estava a desleixar-se no campo dos estudos. Todos achávamos que a Erin tinha muita sorte em contar com um namorado tão dedicado.

Eu não pertencia ao grupo das raparigas populares da escola. Treinei-me ao máximo para vir a ser animadora de claqué, porém nunca cheguei a ser escolhida. Das minhas amigas faziam parte a Laquanda Rice, a Tasha Danzig, e a Janet De Vere Kennedy (exato, ela era um *daqueles* Kennedys, uma prima em terceiro grau ou coisa parecida). Acho que funcionávamos como um grupo fechado, só que a nossa amizade já vinha dos bancos da

creche. Não excluíamos ninguém do grupo, deliberadamente. Nenhuma de nós tinha namorado, e exibíamos a nossa virgindade como um troféu. Isso não nos impedia, contudo, de falar sobre sexo. Estávamos a par do mecanismo do processo, graças às aulas de educação sexual, mas falávamos horas a fio sobre como seria a sensação. A Janet dizia que devia ser como se tivéssemos *Petas Zetas* naquele sítio, mas eu pensava que tinha de ser ainda melhor. As expressões da Erin e do Milo não me transmitiam a ideia de que estavam a comer *Petas Zetas*, pelo menos por aquilo que eu via através do orifício da parede do quarto.

A Erin dizia que nós vivíamos obcecadas pelo sexo. Só que não éramos nós quem tinha o namorado no quarto. Pensar que a minha irmã era daquelas raparigas à beira de ter relações sexuais deixava-me envergonhada. Não me atrevia a contar a ninguém. As minhas amigas e eu dizíamos que tínhamos de nos guardar para a noite de núpcias. Todas íamos casar com estrelas da música pop. Tínhamos pósteres dos nossos rapazes de sonho nas paredes do quarto — cada elemento dos Backstreet Boys, o Ricky Martin, o Will Smith, e o Leonardo DiCaprio. Íamos ser damas de honor umas das outras. Rezávamos pela alma das raparigas que sabíamos andarem no caminho do sexo. Íamos juntas à igreja do meu pai. Ali, fizemos a promessa de nos mantermos virgens até aos 21 anos, mesmo pensando que já estaríamos casadas nessa altura.

Aos 16 anos de idade, eu sonhava vir a ser atriz. A Laquanda dizia que eu tinha de ir para LA para o conseguir, mas eu descobri que era uma miúda mais caseira do que pensava. A Califórnia parecia estar a um mundo de distância e, além do mais, eu preferia ser uma estrela da Broadway a atriz de cinema. Via muitos atores de cinema, sobretudo as mulheres, a despirem-se no ecrã. A nudez era menos frequente nos palcos. A Tasha achava que a representação não dava dinheiro e que, para cada estrela da Broadway, havia milhares de atores secundários. Isso acabou por não importar. Nunca cheguei a ir para a Broadway. Talvez as coisas tivessem sido diferentes se não fosse o Milo Kelly.

*

Eram dez horas da manhã de uma quarta-feira, dia 15 de setembro de 1999, quando ele apareceu lá em casa. Eu tinha vindo da escola sozinha

com uma dor de estômago, apesar de saber que a minha mãe não estaria lá. A dor não era assim tão forte. Abri a porta e convidei o Milo a entrar.

— Esqueci-me de um livro no escritório. Posso ir buscá-lo? — perguntou ele.

— Claro! — respondi. Ofereci-lhe uma chávena de café, que ele aceitou. Eu nem apreciava café, mas parecia uma coisa de adultos estar a bebericar café com o Milo. Dessa vez, sentei-me ao lado dele, no sofá. O Milo parecia mais falador do que era costume, a querer saber pormenores da escola e das amigas. Gozou comigo por querer ser atriz e inclinou-se para me fazer cócegas.

— Queres entrar na *Dawson's Creek*. E beijar o Pacey Witter — cantarolou ele, e depois agarrou-me pela cintura e, numa fração de segundo, tudo escureceu à minha volta. O que se passou a seguir chega-me em imagens fugazes ou ecos, como se fosse uma sucessão de fotografias ou a estática de m rádio intermitente. O som da minha camisa a rasgar-se. As cuecas a caírem no chão. O meu olhar parado na jarra no aparador, os gritos da minha voz.

— Não, não, não!

O meu pai deu comigo enroscada num cobertor ao regressar a casa. Ainda não tinha chorado. Ele assustou-se ao ver-me naquele estado e perguntou o que tinha acontecido. Quando lhe contei num tom inexpressivo, robótico, ele chamou a polícia. Disse que eu estava em estado de choque e fez-me beber um copo de conhaque.

Levaram-me para o centro da cidade, examinaram-me, analisaram-me e fotografaram-me, fiz testes de gravidez e de todo o género de doenças, incluindo o da VIH, para eles ficarem com uma base de referência. Viram as nódoas negras na parte interna das minhas coxas causadas pelos polegares do Milo a penetrarem dentro de mim, as marcas nos pulsos feitas pela mão direita dele ao apertarem-mos, a ferida na cabeça ao bater na mesa quando tentei desviar-me dele. Estes sons e imagens giravam em torvelinho no meu cérebro. Prestei o meu depoimento e respondi às questões gráficas. A agente da polícia e a enfermeira disseram que eu tinha tido um comportamento exemplar, como se me atribuíssem 20 valores num teste.

O pai tinha ligado à minha mãe da esquadra de polícia. Ela estava em casa com a Erin quando ali cheguei, já passava da meia-noite, e foi então que o inferno começou. Interrogo-me muitas vezes sobre se a

situação não podia ter sido tratada de uma maneira diferente. Se o Milo tivesse admitido a culpa, tudo teria sido mais simples.

Na semana a seguir, Erin andava histérica e, depois, foi a raiva que a dominou. O facto de a minha irmã acreditar nele e não em mim deixava-me doente. Ela só o conhecia há pouco mais de um ano e a mim desde que eu tinha nascido. No entanto, ela afirmava a pés juntos que eu tinha inventado aquilo, o que me magoava quase tanto como o que o Milo fizera. Ela confiava nele cegamente, mas eu lembro-me de ouvir, por acaso, uma amiga da minha mãe dizer:

— Bom, o que se pode esperar de um rapaz do Southie? Eu jamais lhe abriria a porta da minha casa, de certeza absoluta.

Eu sabia que aquilo estava errado. A minha mãe não era a responsável por o ter recebido na nossa casa, e o facto de ele ser do South Boston não tinha que ver com o assunto, mas eu estava demasiado perturbada para a defender. Todos diziam que eu não devia sentir-me culpada. Mas eu não me devia ter sentado ao lado dele. Não me devia ter rido quando ele começou a fazer-me cócegas.

Erin

Tinha 17 anos da primeira vez em que reparei verdadeiramente no Milo. Conseguia ver as costas e o ombro dele, o perfil, o pescoço bronzeado, o perfil e o cabelo louro-escuro caído sobre os olhos. O colarinho da camisa estava coçado, mas limpo. O cabelo era comprido em cima e curto na nuca. Já o tinha visto na escola, mas esta era a primeira vez que o encontrava na igreja. Estava uma senhora ao lado dele. Deduzi que era a mãe. Ele encontrava-se no meio da assembleia, e eu estava duas filas atrás. Nós devíamos mostrar-nos humildes, evitando sentar-nos nos lugares a frente, dizia o meu pai. A minha mãe, a Ruby e eu escolhíamos sempre lugares mais recuados. Acho que isso deixava as pessoas bem impressionadas. Fazia-as confiar mais no meu pai. Embora ele não tivesse a intenção de privilegiar a própria família, nós devíamos juntar-nos a ele à saída, no final da cerimónia, para sermos apresentados ao seu rebanho, se necessário, enquanto este se dispersava.

Assim que a missa terminou, deu-se a debandada geral e o rapaz desapareceu no meio da multidão. A minha mãe ficara a conversar com a mãe da Marcia Little e, quando chegámos à rua, eu perdi-o de vista.

Na semana seguinte, eles estavam lá outra vez, acompanhados por uma rapariga mais velha, mas com as feições exatas da mãe — seria a irmã, pensei. Ela usava verniz preto nas unhas, o que eu considerei pouco apropriado para a igreja. Apressei-me a ir para o pé do pai, mas nenhum dos três parou ali.

— Obrigada, pastor Cooper — murmurou a mãe dele ao passar por nós. Nessa altura, olhei melhor para o rapaz. Ele devia ser mais velho que eu, porque nós não andávamos na mesma turma. Tinha sardas espalhadas pelo nariz e faces. O cabelo caído sobre os olhos dava-lhe

um estilo fora de moda, mas agradava-me que ele não se esforçasse por ser igual a toda a gente. Ele era atraente à moda antiga. A partir dali, passei os dias a ver se o descobria na escola. Consegui vê-lo duas vezes. Numa delas a abandonar o pátio e noutra a sair do gabinete do diretor Bermingham com um sorriso no rosto.

Os membros da igreja do pai eram oriundos de toda a parte de Boston. Ele não era elitista. O letreiro no exterior da igreja dizia, DEUS É PARA TODOS, e havia todas as etnias, todas as cores, ricos e pobres. O meu pai esforçava-se ao máximo para pregar a palavra de Jesus à maneira de Jesus. Quando se faziam peditórios para os piqueniques ou para os retiros bíblicos da igreja, todos deixavam envelopes não identificados na caixa de donativos com o valor que lhes era possível dar. Alguns envelopes continham mil dólares. Outros escondiam recortes de papel de jornal com o formato de uma nota de dólar. O meu pai dizia que as pessoas agiam assim por quererem ser vistas a depositar um envelope na caixa, e que nós não as podíamos julgar por isso. A Ruby e eu tínhamos permissão para abrir os envelopes e contar o dinheiro com a ajuda de calculadoras. Eu achava que o rapaz louro não era rico. O casaco dele estava-lhe um pouco apertado e lustroso nos cotovelos. Tentei saber mais pormenores sobre a família junto do meu pai, mas ele nem sabia de quem eu estava a falar.

— O rapaz e a mãe têm vindo todos os domingos nas últimas quatro semanas, e algumas vezes a irmã dele também. Devia dar-lhes uma palavra, pai — sugeri.

— Maureen, tu reparaste neles? — perguntou ele à mãe, e esta assentiu com vivacidade.

Na semana seguinte, no final da missa, dei-lhe um toque com o cotovelo quando eles se aproximavam. A mãe do rapaz tentou passar rapidamente, mas o meu pai dirigiu-se a ela, estendendo-lhe a mão.

— Seja bem-vinda à Igreja do Santo Divino. Julgo que ainda não nos conhecíamos, pois não? — perguntou ele.

Ela ergueu os olhos para o meu pai, atarantada, mas não tardou a recuperar o domínio.

— Pastor Cooper, muito prazer em conhecê-lo. Chamo-me Elaine Kelly e este é o meu filho, Michael... Nós tratamo-lo por Milo... E esta é a minha filha, Margaret...

— Margie — interrompeu-a a filha.

— Nesta comunidade, somos todos amigos. Tratem-me por Douglas ou Doug — retorquiu o meu pai com um sorriso, e apresentou o resto da família. Apertámos as mãos e saudámo-nos, mas eu evitei o olhar do Milo. — O que os traz a esta igreja? — quis saber o meu pai.

— Bom, fomos todos batizados na igreja católica, mas eu procurava um sítio...

— Menos puritano? — alvitrou o meu pai.

— Sim. — O rosto dela iluminou-se, e o Milo e a Margie puseram os olhos no chão.

Nesse primeiro encontro, eu sorri ao Milo quando eles se despediam e ele virou-se ao partir para me retribuir o sorriso. Vi-lhe um brilho nos olhos azuis e reparei que ele tinha o nariz torto. Isso ainda o tornava mais atraente. A mãe puxou-o para junto de si.

Mais tarde, o Milo explicou que o padre na paróquia católica que frequentavam tinha sido transferido para uma paróquia diferente depois de assediado sexualmente algumas crianças. Apesar de ele e a Margie não terem sido visados, o facto de não chamarem a polícia deixara a mãe dele indignada. A senhora Kelly queria que os filhos tivessem os mesmos princípios cristãos que ela, mas já deixara de confiar na igreja católica para os poder proteger. Eu ouvira falar vagamente de casos de abuso na igreja católica na Irlanda, onde a minha avó vivia. Isso era algo que a deixava ofendida, mas jamais ouvira falar em algo semelhante na nossa cidade.

A senhora Kelly mencionou que a família tinha experimentado sete igrejas, antes de optar pela nossa. Gostavam do meu pai; ele contava histórias da Bíblia e relacionava-as com situações do nosso dia-a-dia. Era um homem liberal, muito mais do que outro pregador vulgar. Não era o tipo de pessoa que cuspiasse o fogo do inferno nos seus sermões. Era tolerante em relação ao divórcio, casamentos inter-raciais, a contraceção e a homossexualidade, mas pregava a castidade nos rapazes e nas raparigas até à idade de 21 anos.

Na sua outra atividade, a corretagem, o meu pai era um homem de sucesso. As igrejas de Massachusetts, Rhode Island, Connecticut e New Hampshire eram autossuficientes e proporcionavam-lhe investidores abastados. O pai era uma pessoa franca e honesta. Todos confiavam nele.

Embora se ausentasse muito tempo de casa, passava ali três domingos por mês, para «a igreja e a família, as duas coisas que significam mais para mim do que qualquer outra do mundo». No quarto domingo, ele seria a atração principal numa das suas outras igrejas em outros estados.

*

Conhecer outros irlandeses de Boston deixou a minha mãe encantada; ela morria de saudades da Irlanda. Ficou desapontada ao saber que a senhora Kelly nunca tinha estado lá. Os pais da senhora Kelly tinham chegado aos Estados Unidos no início na década de 1900. A mãe agarrava-se a tudo o que fosse irlandês. Apesar de ser uma americana de terceira geração, a senhora Kelly sabia que os seus antepassados eram de Donegal e a mãe teve a oportunidade de lhe dizer que aquele era um sítio encantador.

A minha mãe jogava na defensiva em tudo quanto dizia respeito à Irlanda. Era a mulher mais elegante que eu já conheci, afirmando que a Irlanda era um país de cultura e tradição, onde as pessoas não viviam como porcos em casa, como nos desenhos animados de antigamente. É claro que o meu pai sabia que era assim, porque já tinha ido à Irlanda com a minha mãe para ver a minha avó. No entanto, o facto de ele gozar com a sua terra natal deixava a minha mãe profundamente irritada, recordando-lhe sempre a promessa que ele fizera no dia do casamento de que os dois haveriam de passar a reforma na Irlanda. O meu pai retorquia que isso ainda estava a vinte anos de distância, pelo menos, e que nessa altura talvez fosse possível tomarem um café razoável em Dublin. Mas nunca ficavam zangados muito tempo e, passado pouco tempo, estavam a rir às gargalhadas com alguma piada que partilhavam.

*

A seguir àquele primeiro encontro, eu não perdia a oportunidade de falar com o Milo sempre que conseguia. Naquele momento, a ida à igreja era o ponto alto da semana, melhor do que deambular pelo centro comercial com as minhas amigas Ginnie e Saima. Elas viram-no na igreja e foram unânimes em comentar que era muito giro. Vim a saber mais tarde que

ele tinha entrado na nossa escola, a secundária Altman, com uma bolsa de estudos. A maneira como a mãe do Milo olhava para ele mostrava o orgulho que tinha no filho. O tio do Milo era dono do Billy's Diner na baixa da cidade e o Milo trabalhava umas horas lá, antes e depois das aulas, e ainda na maior parte dos sábados. Aos domingos, ele ia à missa e assistia ocasionalmente a um jogo de baseball dos Red Sox no Fenway Park.

O Milo andava no último ano. Contou-me que, quando era miúdo, o pai adoecia muitas vezes, acabando por morrer com uma paragem cardíaca, e que ele imaginara muitas vezes ser médico para poder salvar o pai. Tinha a esperança de conseguir entrar no Boston College.

A Margie, irmã do Milo, não via com bons olhos a minha amizade com ele. Houve um domingo em que ela me fez uma advertência:

— O meu irmão mais novo não é pessoa para ti. Já vi que ele tem um fraquinho por ti, mas não faz sentido arrastá-lo para sítios onde ele não pertence.

Eu não percebia onde ela queria chegar. Pensei que tinha inveja do irmão. Enquanto a Margie se afastava de mãos nos bolsos, com um andar descontraído, o meu coração palpitava de alegria. O Milo gostava de mim.

Na secundária de Altman, eu sabia que não era a única rapariga que gostava do Milo. Sempre que o nome dele vinha à baila, todas as miúdas diziam que ele tinha muita pinta. O Milo dava um bocado nas vistas e era mais do que óbvio que era ele quem cortava o próprio cabelo. Alguns dos fanáticos do desporto metiam-se com ele por causa disso, mas por pouco tempo. Acontece que o Milo tinha conhecimentos enciclopédicos sobre os Red Sox. Ele entregava à mãe metade do dinheiro que ganhava no restaurante do tio. Cada moeda que lhe sobrava era destinada às idas ao Fenway Park e, mesmo que ele não fosse um grande jogador, a malta do desporto adotou-o quase como uma mascote. Em circunstâncias diferentes, isso poderia ser visto como paternalista, só que eles gostavam genuinamente do Milo. Ele fazia amigos com facilidade.

O Milo contou-me que vivia numa casa de três andares. Ele, a mãe e a Margie moravam no último, enquanto os tios Billy e Pat, e as respetivas famílias, ocupavam os andares de baixo. O pai dele tinha sido camionista, mas deixara algumas dívidas ao morrer. A Margie e a mãe trabalhavam a tempo inteiro numa florista na Estação Sul de Boston;

todos contribuía para as despesas da casa. Na altura, o Southie era uma zona em expansão, e havia estaleiros de obras um pouco por toda a parte. Para o Milo era um alívio o tio ser proprietário do edifício.

A igreja do meu pai na baixa da cidade levava o Milo a alargar os seus horizontes. Segundo me disse, ao começarem a frequentá-la, a mãe esperara ser ignorada ou tratada com condescendência, na melhor das hipóteses, mas tinha ficado encantada quando o meu pai fez questão de lhes dar as boas-vindas. O Milo adorava a nossa igreja, embora nunca pudesse participar nos retiros bíblicos ou nos churrascos de verão por estar sempre a trabalhar.

Eu disse-lhe que ele podia vir estudar para a nossa casa sempre que quisesse. Nós vivíamos a pouca distância da escola, e ele passava pela casa a caminho da estação de metro. Quando partilhei com os meus pais o convite que fizera ao Milo, eles acharam bem que eu lhe desse esse incentivo, apesar de me parecer que não percebiam a razão. Bom, talvez a minha mãe tenha entendido.

— Ena, este sítio é incrível — foram as palavras do Milo da primeira vez que veio a nossa casa.

A minha mãe fez o possível para o deixar à vontade.

— Eu costumava pensar o mesmo — disse ela —, mas tu devias ver a casa minúscula onde eu cresci. Mal nos conseguíamos mexer. — A mãe estava a flirtar com o Milo ainda mais do que eu. Aquilo era embaraçoso.

A minha irmã sentia-se intimidada ao pé dele. A Ruby era dois anos mais nova do que eu, mas tinha uma pressa incrível em crescer. Enchia o sutiã de lenços de papel, e os pósteres com ídolos da música pop que tinha no quarto estavam cobertos de marcas de batom esborratadas. A igreja do pai era rigorosa na questão da virgindade, e a Ruby e as amigas dela mostravam-se particularmente pudicas e imaturas. E, paradoxalmente, mal podiam esperar pela noite de núpcias.

A Ruby era uma miúda divertida, passando os serões de sábado a cantar e a dançar para nós, e fazendo ainda imitações de pessoas da televisão. Levava as aulas de teatro muito a sério. Nós dávamo-nos bem enquanto crescíamos. Muitas vezes, encontrava-a no meu quarto a experimentar a minha roupa. Eu não me importava. A Ruby sempre preferiu herdar roupa minha do que receber peças novas. Eu achava isso encantador.

Na primeira vez que o Milo veio a nossa casa, a Ruby ficou espedada a olhar para ele. Foi de uma má educação tremenda. Eu dei-lhe um pontapé debaixo da mesa. Via-se que o Milo estava pouco à vontade. Ele disse-lhe «olá», mas a Ruby não lhe respondeu. Quando o Milo se tornou uma visita regular da nossa casa, julgo que ela se habituou mais à sua presença, até um ano mais tarde dizer que ele a tinha violado.

Erin

Foi como se o mundo tivesse parado naquele dia de setembro de 1999. A minha irmã estava a mentir em relação ao que tinha acontecido. Eu sabia. Jurava que o Milo a tinha violado, mas ele jamais o faria. Conhecia-o melhor do que ninguém. Era um miúdo impecável. Já andavam à procura dele na altura em que cheguei a casa, e haveria de passar ainda muito tempo até eu o ver outra vez. Ataquei a minha irmã quando ela voltou da esquadra ao fim da noite. Primeiro, verbalmente e depois fisicamente, quando ela insistiu que aquilo era verdade, a ponto de os nossos pais terem de nos separar. Aquilo que ela contava não fazia sentido. O Milo nunca faria cócegas a uma miúda de 16 anos, sobretudo à Ruby.

Havia vezes em que o Milo parecia inclinado a mergulhar numa espécie de fosso. Eu apercebi-me disso, nos dias em que ele não tinha vontade de falar ou conviver comigo ou com outra pessoa qualquer. O melhor amigo dele na Altman era um tipo chamado Ben Roche, que me aconselhou a deixá-lo em paz quando ele andava assim. Isto sucedeu-se apenas três vezes no ano e pouco em que estivemos juntos. Depois disso, ele reemergia, com ar pesaroso, sem conseguir explicar o que lhe acontecera.

— Senti-me só um bocado em baixo — costumava ele dizer, mas isso não implicava que ele fosse violento com ninguém. Por aquilo que eu sabia, o Milo nem sequer costumava meter-se nas lutas dos recreios quando era mais novo.

Poucos dias depois, o meu pai resolveu mandar-me para a casa da tia Rachel. Ela era a irmã mais nova dele e continuava a viver em Worcester. O Milo ficaria detido enquanto a investigação seguia o seu curso. Eu não estava autorizada a ir falar com a mãe e a irmã do Milo ou

a telefonar-lhes. Não fazia sequer ideia do sítio onde eles viviam. Nunca cheguei a ir a casa do Milo, e Dorchester era um bairro enorme. A mãe disse-me que as duas não paravam de ligar para nossa casa, mas ela desligava sempre a chamada. Eu estava furiosa por ser banida da minha casa daquela maneira. Não tinha feito nada de errado. A minha irmã tinha contado uma mentira sórdida e a polícia não tardava a descobri-lo, e o Milo seria libertado. Quando isso acontecesse, eu estava decidida a fugir com o Milo para Nova Iorque e começávamos tudo de novo. Não aguentava estar separada dele.

*

A tia Rachel tentou chamar-me à razão.

— Erin, as raparigas não inventam mentiras dessas, e a tua irmã é uma menina particularmente inocente — dizia ela. — A Ruby e as amigas orgulham-se de serem virgens, não é?

Eu também era virgem, apesar de não andar a apregoá-lo aos setes ventos como a minha irmã e as amigas dela. Se o Milo tivesse uma vontade desesperada de fazer sexo, eu teria abdicado disso. Foi o que eu respondi à tia Rachel. Ela tinha menos cinco anos do que o meu pai e estava muito mais à frente, de longe.

— Mas, Erin, a violação não tem que ver com sexo, mas sim com controlo. Agora, diz-me por que razão a tua irmã ia mentir em relação a isto. Ela costuma mentir?

Tive de ponderar sobre a questão. A Ruby não era uma mentirosa compulsiva. Podia pregar uma petta infantil de vez em quando, como quando negou ter tirado bocados do bolo de anos da mãe, enquanto as migalhas na cara dela provavam o contrário, mas a mentira não fazia parte da nossa família. A Ruby era uma atriz fora de série e conseguia imitar todos os professores da Altman. Mas nunca a tinha apanhado numa verdadeira mentira até àquele momento. O que só tornava ainda mais difícil às pessoas acreditarem no Milo. Vim a descobrir que a polícia o tinha acusado de um delito menor dois anos antes, por ele invadir uma casa abandonada. O Milo nunca me tinha contado isso, mas, por outro lado, porque haveria de o fazer? Eu nunca lhe contara que tinha furtado umas calças de ganga na Old Navy, e que a minha mãe dera por

isso ao encontrar as etiquetas no caixote de lixo, obrigando-me a voltar à loja para as pagar. Aquilo tinha resultado de uma aposta com o meu grupo no centro comercial e elas nem me serviam. Foi uma brincadeira estúpida. A mãe cortou-me a semanada durante dez semanas — quatro semanas pelas calças e seis para garantir que eu tinha aprendido a lição. Mas nunca contou ao meu pai ou à Ruby. Será que a Ruby também fez coisas que a mãe nunca nos contou?

Esperava-se que eu mantivesse isto em segredo, mas tive de contar à Ginnie e à Saima. Não voltei para a escola nesse ano, e elas andavam sempre a ligar para minha casa. Telefonei-lhes de Worcester. A Ginnie contou-me que já todos sabiam na escola e que a maior parte das pessoas acreditava na Ruby. A Saima, apesar de dizer que acreditava em mim, perguntou-me por que motivo a Ruby ia inventar uma mentira tão monstruosa, e eu não soube o que responder.

Três semanas depois, chegaram os resultados de ADN do esperma encontrado no exame da Ruby. Não havia dúvida. O Milo tinha violado a minha irmã. O meu pai veio ter comigo a Worcester para me contar.

— Tens de aceitar, minha querida. Aquele homem é um grandíssimo filho da mãe, e ele desonrou a tua irmã.

Nunca tinha ouvido o meu pai usar uma linguagem daquelas. Eu estava em estado de choque. Imaginei todas as formas de o ADN do Milo poder ter ido parar à minha irmã. Talvez uma toalha partilhada? O pai teve de ser mais explícito.

— Erin — disse ele num tom severo —, o ADN veio do esperma que estava *dentro* da Ruby. Compreendes o que eu te estou a dizer?

Entendi as palavras dele, mas precisei de algum tempo para as digerir. Como poderia eu acreditar que a neve era branca se o tipo que eu amava profundamente tinha violado a minha irmã? No entanto, ele tinha-o feito, e eu estava enganada. A tia Rachel tentou consolar-me o melhor que podia, mas eu estava zangada. Primeiro, comigo própria, e depois com o Milo. Sentia-me horrorizada por ter chamado mentirosa à minha irmã.

*

Fui notificada a comparecer no tribunal como testemunha da defesa. Os meus pais ficaram indignados. Mas eu tinha mais de 18 anos e não

havia nada que eles ou eu pudéssemos fazer para o evitar. Nas semanas anteriores ao julgamento, a ansiedade deixou-me doente. Tinha náuseas constantes. Desconhecia o que me iriam perguntar. O Milo tê-los-ia posto a par das nossas atividades noturnas? Por acaso, tinha. Numa sala de audiências cheia, em frente dos meus pais, dos amigos deles, da tia Rachel, da senhora Kelly, da Margie, do Ben Roche, amigo do Milo, do diretor Bermingham, da juíza, do júri, e de uma chusma de desconhecidos, eu fui obrigada a revelar os pormenores mais íntimos. Não conseguia olhar para o Milo, não conseguia olhar para ninguém.

A seguir, foi a vez do procurador. Quis saber de quem partira a ideia de o Milo ir ao meu quarto às escondidas, a meio da noite, apesar das regras dos meus pais. Tive de confessar que isso partira de mim. Era eu quem queria aprofundar a nossa relação. Parece-me que o procurador esperava uma resposta diferente. Perguntou-me até que ponto fora difícil convencê-lo, e eu disse ao tribunal que o Milo não levantara qualquer objeção. Reparei que a minha mãe saía da sala lavada em lágrimas. O procurador argumentou que aquele era um indício do comportamento dissimulado do Milo, da manipulação que ele utilizara para entrar no meu quarto sem respeitar as regras dos meus pais, depois de estes serem tão generosos com ele. O procurador questionou-me também sobre as variações de humor do Milo. Na minha opinião, para onde ele iria nas alturas em que se recusava a falar com alguém? Eu não percebi o que procurador queria dizer. O Milo ia para a escola e para o trabalho e para casa, como era normal. O homem perguntou se eu tinha alguma prova de que ele ia para a escola e para o trabalho e para casa durante os seus «estados de espírito hostis». O advogado do Milo contestou estas palavras e a juíza perguntou-me se os estados de espírito do Milo eram hostis. Eu disse que não. Ela pediu-me que os descrevesse. Eu disse-lhe que me pareciam apenas fases depressivas. O procurador voltou a interrogar-me, perguntando uma vez mais se eu tinha a certeza de que o Milo ia para a escola e para o trabalho e para casa durante estas fases. Eu não tinha provas disso. Perguntou se eu sabia alguma coisa sobre as namoradas que o Milo tivera antes de mim. Eu nada sabia, a não ser que eram mais velhas do que ele. Não entendi a relevância daquelas perguntas, mas a defesa do Milo não as contestou. Contudo, ficaram algumas implicações no ar, e elas não eram boas para o Milo.

O advogado de defesa do Milo serviu-se da minha informação para evidenciar como o Milo sempre fora correto comigo e mostrar que ele jamais me pressionara a ter sexo oral ou sexo com penetração total. Eu chorei enquanto prestava o meu testemunho. Lancei uma olhadela rápida ao Milo. Ele levantou a cabeça das mãos e disse-me *desculpa* com o movimento dos lábios. Nessa altura, já o odiava. Estava furiosa com ele por me fazer passar por aquilo.

Meses depois, logo a seguir à condenação do Milo, a minha mãe disse que tínhamos de ir para a Irlanda por causa da Ruby.

— Como pode a Ruby chegar a ultrapassar isto, se tudo à volta dela a faz lembrar do ocorrido? — argumentava ela.

Eu achava aquela medida desnecessariamente radical, porém a mãe estava inflexível. Nós tínhamos de ir para Dublin. Os meus pais discutiram por causa disso, desta vez com argumentos sérios e estridentes. Portas a bater e vozes alteradas. Nós refugiávamo-nos nos nossos quartos. As amigas da Ruby vinham visitá-la, mas nunca ficavam muito tempo.

Eu não conseguia falar com ela. Acho que ela não também não conseguia falar comigo. O Milo jamais teria entrado na nossa casa, se não fosse eu.

Ruby

Os resultados de ADN demonstraram que eu dizia a verdade. A investigação e o julgamento e o veredito demoraram sete meses e, depois disso, passaram-se algumas semanas até à leitura da sentença. O julgamento foi penoso e muito mais traumático do que o próprio incidente. Era um tribunal de júri, que se arrastou por dias e dias. O Milo tinha de admitir que eu dissera *não* três vezes. Ele reconheceu que me tinha dito, «Isto nunca aconteceu, ninguém tem de saber», porém não confessou o incidente. Não alegou que tinha sido um ato consensual. Declarou que eu tentara seduzi-lo. O advogado dele perguntou-me uma e outra vez aquilo que eu tinha vestido. O Milo disse que eu estava de calções, mas eu respondi que vestia umas calças de ganga. E o procurador dizia sempre que aquilo não importava. Eu tinha a inocência dos 16 anos, e ele a maturidade dos 19. Contudo, o ADN foi o fator mais poderoso e incontestável.

Nem a Erin, nem eu, regressámos à escola nesse ano letivo. A Erin veio da casa da tia Rachel para prestar o depoimento no julgamento. Estava uma pessoa diferente. Agarrou-se a mim e abraçou-me e disse-me a soluçar que estava muito arrependida, mas depois foi para o quarto e quase nunca saía de lá. Passámos meses fechadas em casa, incapazes de nos consolarmos mutuamente. O pai esforçou-se para me convencer a voltar à igreja, mas eu tinha vergonha. Passara a ser impura aos olhos de Deus.

Quando o julgamento acabou, a mãe disse que o melhor era levar-nos para fora de Boston e irmos para a sua terra natal, na Irlanda.

— Apenas por umas semanas — garantia ela. — A avó vai gostar de te ver a ti e à Erin.

Quando ouvi falar da viagem, eu acenei com a cabeça, dando o meu acordo. Há anos que a minha mãe pedia ao pai que fôssemos viver para a Irlanda. Nesse momento, o assunto tornara-se um foco de discórdia.

— Ir viver para *lá*? — ouvi o meu pai ripostar, incrédulo. Depois, quando deu por mim à porta, ele falou num tom mais brando. — Olá, Ruby, como te sentes hoje? — perguntou.

Contudo, os olhos dele não refletiam o seu sorriso, e eu sabia aquilo que ele esperava de mim. Queria que eu corresse para os seus braços em busca de conforto, para ele me dar um beijo na cabeça como acontecia antes. Contudo, virei-lhe as costas e voltei para o meu quarto e fechei a porta atrás de mim. O julgamento tinha sido horrível.

A Erin não queria ir para a Irlanda. Ela tinha o coração destroçado e estava destruída.

— As duas têm de se manter unidas — sublinhou a mãe. A Erin olhou para mim, e eu vi nela a raiva e a culpa.

Decidiu-se que íamos apenas a mãe e eu, e partimos quatro dias depois de ela nos falar da sua ideia. A Erin recusou-se a acompanhar-nos. Em vez disso, foi para um retiro de oração qualquer. Ninguém falava sobre o que iria acontecer depois do verão.

Despedi-me da Laquanda e da Tasha e da Janet, e elas prometeram escrever-me. Parecia que alguns apoiantes do Milo andavam a dizer coisas medonhas a meu respeito. Havia *graffiti* com o meu nome em todas as paredes de South Boston. Já não ia à escola há oito meses e desejava desesperadamente sair dali. A pequena casa da avó sempre me fizera sentir segura. E eu precisava de me sentir segura.

A partida foi horrível. Todos chorámos, e a Erin e eu caímos nos braços uma da outra, verbalizando em silêncio todas as coisas que haviam ficado por dizer. A mãe e eu tínhamos bilhetes de ida apenas. Os olhos do meu pai estavam orlados de vermelho, e a minha mãe chorou convulsivamente quando se despediram no aeroporto. Mais uma vez, eu senti-me culpada por dividir a nossa família. No entanto, só tinham passado quatro dias desde que a sentença de treze anos fora proferida. Mal tinha processado ainda tudo o que acontecera.

Erin

O Milo e eu demos o primeiro beijo num ginásio deserto na escola secundária. Os dois estávamos nervosos, mas aquele beijo foi, de certa maneira, a pedra de toque da nossa relação. Os meus pais simpatizavam com o Milo e a mãe dele. Ele não tinha licença para entrar no meu quarto, quaisquer que fossem as circunstâncias. Foi uma regra que respeitámos durante muito tempo. Estar com o Milo era estimulante e fascinante, e nós passávamos muito tempo a rir. Gostávamos dos mesmos livros; víamos os mesmos filmes, vezes sem conta. *O Bom Rebelde* era o nosso preferido. Ele era o Matt Damon e eu a Minnie Driver, e inventávamos os melhores finais felizes para os dois.

O Milo não era virgem. Ele já tinha dormido com algumas raparigas. Saber isso não constituiu uma grande surpresa para mim. Acho que eu era uma das poucas miúdas virgens da turma, mas isso causava-me alguma frustração. O meu corpo desejava-o como se fosse uma entidade separada da minha cabeça. Sabia que Deus estava a testar-me, mas o Milo dizia que podia esperar. Não fomos até ao fim, mas faltou pouco. Verificámos quais eram os degraus da escada das traseiras que podiam ranger e eu lubrifiquei a maçaneta da porta do meu quarto. Sempre que o Milo ficava no quarto de hóspedes no andar de baixo, ele conseguia esgueirar-se pelas escadas acima e entrar em silêncio, sem ser notado, no meu quarto ao cimo das escadas das traseiras, onde nos envolvíamos em beijos e carícias. Segredávamos um ao outro aquilo que sabia bem e o que não sabia, guiando as mãos e os corpos um do outro até ficarmos saciados. Abafávamos os nossos gemidos. Ninguém dava por nada. O quarto da Ruby ficava entre o meu e o dos meus pais. Toda a gente se lembrava da noite de trovoada em que ela continuara a dormir enquanto

o telhado do barracão voava atrás dos nossos quartos. Nada a conseguia despertar do seu sono.

Naqueles tempos, julgo que confiava mais no Milo do que em qualquer outra pessoa que conhecia. Ele dizia-me que ia esperar até chegar o meu momento, mas eu era profundamente temente a Deus nessa altura. Nós sabíamos que havíamos de casar assim que eu terminasse o ensino secundário. E eu sabia que isso deixaria o meu pai furioso. Só que ele não podia falar muito, já que a minha mãe tinha 21 anos e ele 22 quando casaram. Planeávamos ter três filhos depois de o Milo se formar em Medicina. Ainda havia um impasse em relação ao sítio onde iríamos morar. O Milo queria sustentar-me, mas demoraria muito até ter essa possibilidade. Além disso, eu queria ir para Harvard. Calculava que o meu pai podia oferecer-nos um apartamento como prenda de casamento, embora a ideia desagradasse ao Milo. Ele tinha entrado no Boston College com uma bolsa de estudos, mas não cobria todas as despesas. E também tinha contraído empréstimos estudantis. O diretor da Altman tinha-o ajudado nas candidaturas. Ele demonstrara sempre um interesse especial pelo Milo. Dava-lhe conselhos e dizia que via potencial nele. Eu também via.

Costumava escrever contos só por prazer. Regra geral, giravam em torno de personagens bizarras. As histórias eram todas diferentes. Uma era sobre crianças demoníacas geradas por um casal extremo, que depois se tornavam psicopatas ao crescer e assassinavam os pais. Outra era sobre uma mãe solteira que se recusava a alimentar os filhos; eles foram-lhe retirados e levados para um orfanato, o que se revelou uma experiência traumatizante. As crianças recusavam-se a comer até regressarem de novo aos cuidados da mãe, acabando eles por a devorar. Eram histórias perturbadoras, na maior parte das vezes. Eu receava mostrá-las a alguém, além do Milo. Ele adorava os meus contos e incentivava-me a enviá-los para concursos. Não sei de onde aquelas ideias surgiam, mas o Milo também me encorajou a mostrá-los à minha professora de Inglês. Embora eu fosse a melhor aluna de turma em Inglês, a professora não gostou deles. Achou-os deploráveis e aconselhou-me a escrever sobre o mundo real. O meu pai também não ia gostar das histórias, pensei, sobretudo se a minha professora não as aprovava, e a minha mãe não era muito dada a leituras. Já eu adorava livros e leitura. Uma vez, a Ruby

disse que a beleza era mal-empregada em mim, sendo eu um rato de biblioteca. Ela tinha piada.

O Milo achava que eu devia ser escritora e eu achava que isso era algo que podia fazer nos tempos livres, mas eu gostava mais de ler livros do que de os escrever. Fiquei espantada ao saber que o Milo tinha enviado um dos meus contos para uma revista literária e que estes queriam publicá-lo. O pai pediu-me que lhe mostrasse a história e, para minha surpresa, gostou. Não me parece que a minha mãe a tenha compreendido, mas ficou toda orgulhosa e levou-me de comboio a Nova Iorque para passarmos ali o dia e vermos *O Rei Leão* na Broadway. Já era tarde quando chegámos a casa. Foi o dia em que o Milo violou a Ruby.

*

Perguntava-me se tudo não teria passado de uma fantasia. O Milo teria andado a iludir-me aquele tempo todo? Ele gostava sinceramente das minhas histórias? Tinha-me contado que se envolvera sexualmente com outras raparigas quando era mais novo, e que eram mais velhas do que ele, mas seriam de facto? Ele teria mesmo pensado em casar comigo? O choque pelo que ele fizera à Ruby era avassalador.

Refleti sobre as fases negras do Milo. Na altura em que planeávamos um futuro juntos, eu pensava que aquilo seria algo de natureza depressiva. Nessas fases, ele não me telefonava ou procurava na escola. Houve uma vez em que me gritou, «Deixa-me em paz, porra!» e deu um murro na parede, quando caminhávamos juntos e eu estava a tentar conversar com ele. Aquela agressividade perturbou-me. Não contei a cena no tribunal. Devia ter contado. A seguir, ele pediu desculpa e voltou a ser o rapaz gentil de sempre, mas eu não conseguia esquecer aquela raiva e a hostilidade inesperadas. Ele ter-me-ia agredido se eu o tentasse abraçar? Talvez o Milo fosse um psicopata. Estamos sempre a ler notícias sobre pessoas assim: *Ele parecia muito boa pessoa, incapaz de fazer mal a uma mosca*. O Milo não tinha planeado violar Ruby, eu tinha a certeza disso, mas, se ele fosse dominado por um daqueles momentos sombrios, quem sabe o que poderia fazer?

Estava ciente de que o Milo se masturbava porque, às vezes, nas noites em que ele subia ao meu quarto pelas escadas das traseiras, eu ajudava-o a ejacular. Contudo, não havia volta a dar. O esperma dele

estava dentro da vagina da minha irmã, pelo que o Milo devia ter-se vindo dentro dela. Ele podia ter dito que aquilo fora consensual, mas teimava em afirmar que ela se lançara sobre ele, que o abraçara, e que a afastara, e ela tinha caído e batido com a cabeça. E insistia em dizer que não tinha havido penetração nenhuma, que fora obrigado a repeli-la à força. Uma rapariga franzina como a Ruby? O ADN selara o destino dele e partira o meu coração em dois.

*

Um dia, algum tempo depois de eu regressar de Worcester, quando estava a entrar no carro para ir ao supermercado, vi a Margie a rondar a nossa casa. Fui ter com ela ao portão.

— Ele não fez aquilo, tu sabes bem que não fez. — A raiva dava-lhe um ar meio tresloucado. — Eu disse-te que podia acontecer alguma coisa se ele comesse a misturar-se com vocês, os ricalhaços. Nunca me passou pela cabeça que seria isto. A tua irmã é uma mentirosa e tu sabes, porra. Ele não é estúpido, Erin... Por que faria uma coisa dessas a pensar que não era apanhado?

O meu pai apercebeu-se da cena e saiu de casa, ameaçando chamar a polícia se ela continuasse ali, e ordenando-lhe que saísse da propriedade.

A senhora Kelly veio a nossa casa duas vezes, implorando que a deixássemos falar com a Ruby. Os meus pais arranjam uma ordem de restrição contra ela. A Ruby e eu ficávamos em casa, a pensar que as nossas vidas tinham acabado, e talvez isso fosse verdade, porque nada voltou a ser como antes.

Por vezes, a Ruby conseguia abstrair-se e rir ao ver *Os Simpsons* ou o *Friends* na televisão, e nós encorajávamos isso. O pai permaneceu zangado e em silêncio durante meses. Dizia que a sua fé estava a ser posta à prova e rezava incansavelmente a esse respeito.

Os jornais não publicaram nada sobre o assunto, mas algumas pessoas na igreja sabiam o que acontecera e, na Altman, todos estavam a par. Eu só tinha contado à Saima e tenho a certeza de que ela guardou segredo, mas as amigas da Ruby eram menos discretas.

E, então, quatro dias depois de se falar na Irlanda, a mãe e a Ruby partiram. Eu estava convencida de que seria por algum tempo apenas.

Elas passariam lá o verão e depois regressariam a casa. A mãe pediu-me insistentemente que fosse com elas, mas eu precisava de fazer uma pausa da Ruby. Sabia que a culpa não era dela, mas não aguentava ver o seu rosto pálido e a tristeza no olhar. O dia em que elas partiram foi um dos piores entre muitos outros igualmente terríveis. O meu pai considerou que eu devia ir algum tempo para um retiro de oração. Era uma espécie de retiro religioso com mensagens diárias, além de aulas de culinária em grupo, círculos de oração, arranjos florais, musicoterapia e sessões de pintura. Eu dormia muito e conversava em sessões de grupo sobre a confiança, a traição e a família, e fazia bolos para uma festa à qual não iria, coroas fúnebres para o meu coração; escrevi canções de raiva que ninguém jamais iria cantar, e retratei a minha alma em tonalidades de cinza e verde com salpicos de amarelo-podre. Não me misturei com os restantes hóspedes.

Duas semanas depois, o meu pai veio buscar-me, esboçando um sorriso contrafeito, e eu reparei que o cabelo dele estava a ficar grisalho nas têmporas. As ações do Milo tinham deixado a sua marca em todos.

Agora, a casa estava sempre silenciosa e a tensão tinha desaparecido. Não sei se isso se devia ao facto de o julgamento e a condenação já terem passado ou à ausência da Ruby. Eu morria de saudades da minha mãe e ligava-lhe frequentemente. Em cada telefonema, ela queria que eu falasse com a Ruby, mas as nossas conversas eram breves e embaraçosas. O pai e eu dávamo-nos bem. Eu tinha perdido um ano letivo; teria de o repetir. O meu pai contratou uma empregada doméstica para cozinhar e limpar a casa, mas era eu quem lhe passava as camisas da maneira que ele gostava. Ele retomara o seu trabalho e as atividades da igreja a tempo inteiro, e a Saima convenceu-me a ir passar o verão com ela num acampamento para crianças do ensino básico em Vermont, trabalhando ali como conselheira. Sentia-me mal por deixar o meu pai sozinho, mas ele convenceu-me a ir. Isso também serviu de pretexto para eu não ir com ele a Dublin visitar a minha mãe e a Ruby. Aquele verão em Vermont foi a minha liberdade. Ninguém sabia nada sobre o que tinha acontecido. Não havia olhares de compaixão. Eu podia ser normal.

Ao regressar de Dublin, o pai vinha apreensivo. A mãe estava a pressioná-lo para ele se mudar para lá, mas até eu sabia que a ideia não tinha pés nem cabeça. O pai não tinha amigos ali, nenhuns contactos

comerciais, nenhuma comunidade religiosa. Ele trouxe-me a má notícia de que a mãe e a Ruby não voltariam para Boston. A Ruby recusava-se a fazê-lo e a mãe não a deixaria ficar sozinha. Fiz um esforço para o pai não se aperceber da minha tristeza, mas era difícil. Eu chegara à idade adulta, tecnicamente, mas sentia que ainda precisava da minha mãe. Ela veio ver-me, deixando a Ruby com a avó, e parecia estar convencida de que o pai havia de mudar de opinião e que todos iríamos para Dublin. Eu notava que a relação entre os dois estava desgastada, mas não havia nada que pudesse fazer para os ajudar.

Voltei de novo à Altman no outono, mas as coisas estavam diferentes. A Saima tinha acabado o curso e fora para a Faculdade de Belas Artes da Universidade de Boston. À minha volta, eu sentia a tensão no ar. Cada aluno e professor tomava o seu partido. O desfecho do caso deixara muita gente em estado de choque, embora poucas pessoas soubessem da história toda. O Milo fizera grandes amigos durante o tempo que passara na Altman, e todos sabiam que ele estava na prisão. Fui ostracizada pelos rapazes e só me dava com as colegas da turma que pertenciam à igreja do pai.

Uma vez, o diretor Bermingham abordou-me no corredor.

— Erin Cooper? Onde está a tua irmã? — demandou ele na sua voz tonitruante. A versão do pai era de que ela tinha sido transferida para outra escola noutro estado, e foi isso o que eu lhe disse. — Que escola? Em que estado? — Felizmente, a campainha tocou nesse momento.

— Desculpe, senhor diretor, mas tenho de ir andando.

Contudo, ele ainda levantou a voz atrás de mim:

— Preciso de enviar o processo dela para a nova escola, Erin. Dá-me a informação amanhã.

Ao fim do dia, quando falei nisto à minha mãe ao telefone, ela disse-me que a secretária da escola lhe tinha enviado o processo escolar no ano anterior, mesmo antes de elas irem para a Irlanda. Já nessa altura, todos sabíamos que a Ruby jamais regressava à Altman.

No dia seguinte, comuniquei isto ao diretor Bermingham.

— Mas para onde foi ela? — retorquiu ele. — Eu não tenho o direito de saber? Gosto de acompanhar o percurso dos meus alunos.

Eu tinha as minhas dúvidas de que lhe coubesse o direito de saber. No julgamento, via-se claramente de que lado ele estava. A mãe

contou-me que ele se sentava todos os dias ao lado dos Kelly e que fora ali nos dias de escola, quando a sua obrigação era estar na Altman. Havia rumores de que a mulher o tinha deixado e que ele se deixara ir abaixo. De facto, cheirava mal no seu gabinete abafado, e ele não colocara gel suficiente na madeixa de cabelo que lhe atravessava a cabeça a tapar a calvície, pelo que havia longos fios de cabelo a cair da orelha sobre o ombro. Tive pena dele. O diretor fora apanhado na armadilha do Milo, tal como todos nós.

— Peço desculpa, senhor diretor, mas o meu pai diz que essa informação é confidencial. — Ao ouvir-me, o senhor Bermingham ficou tão transtornado, que eu receei que ele desatasse a chorar. Ele não disse nada. — Está tudo bem, senhor diretor?

Nessa altura, levantou a cabeça e falou comigo aos gritos.

— Sim, vai-te embora. Desaparece-me da frente!

Eu compreendia aquela cólera porque eu própria também a sentia. A seguir ao Dia de Ação de Graças, não fiquei muito surpreendida por ver que o senhor Bermingham não regressara à escola. Ouvi dizer que ele tinha apanhado uma espécie de esgotamento. Mais uma vítima do Milo? A nova diretora era uma mulher dinâmica e eficiente, e parecia que a escola inteira suspirava de alívio. Talvez fosse o senhor Bermingham quem trazia aquela tensão ao ambiente. Ao chegar o novo ano de 2001, tudo regressara à normalidade, tanto quanto era possível.

Passava os tempos livres a estudar. Não havia ninguém a quem pudesse escrever os meus contos, pelo que deixei de os fazer. Enviei a minha candidatura a Harvard. O pai levou-me a jantar fora quando recebi a carta a dizer que ela fora aceite. Foi bom ele ter estendido o convite à Saima, porque o pai e eu já tínhamos esgotado os temas de conversa há muito tempo.

**Se a minha irmã não fosse bonita,
nada disto teria acontecido.**

Ruby Cooper e a irmã, Erin, levam uma vida idílica na sua unida comunidade paroquial em Boston. Aos 16 anos, porém, Ruby vê-se envolvida num incidente que faz com que o mundo da sua família desmorone.

Ao longo de décadas, as consequências desse incidente deixam um rasto de destruição atrás de Ruby em Dublin, e de Erin em Boston. Não que Ruby queira pensar no passado.

Mas há coisas que não podem permanecer em segredo para sempre...

Da autora bestseller internacional de *A Estranha Sally Diamond*, chega uma experiência de leitura extraordinária: um romance para pensar, discutir... e para nunca esquecer.

«Liz Nugent no seu auge... uma autêntica obra de arte
— subtil e complicado, tal como a vida real.»

The Irish Independent

Da mesma
autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-589-963-0



9 789895 899630